



2. Arte na Ásia Menor: a Anatólia espera pelo seu Max Uhle

Art in Asia Minor: Anatolia is waiting for its Max Uhle

Arte en Asia Menor: Anatolia espera por su Max Uhle

João Vicente Ganzarolli de Oliveira

Universidade Federal do Rio de Janeiro (Brasil)

jvgrenart@gmail.com

Recibido: 7 de junio de 2024

Aceptado: 1 de diciembre de 2025

Doi: <https://doi.org/10.56487/5ganv691>

Resumo

Este artigo se refere à Ásia Menor, região que, em termos geográficos e culturais, equivale aproximadamente ao território coberto pela Península da Anatólia. Durante a Antiguidade e a Idade Média, ela foi uma ponte cultural das mais importantes para os povos do centro-leste europeu e do Oriente Próximo em geral. Ligando a Ásia à Europa, ela propiciou o trânsito de mão dupla de populações, de ideias, de utensílios dos mais diversos tipos (e. g., a roda), bem como de obras da literatura e da arte. Ofuscados pela proximidade geográfica e cronológica tanto dos mesopotâmios e egípcios, que os antecederam, quanto dos gregos, que os sucederam, os povos da Anatólia antiga foram relegados ao segundo plano da história.

Palavras-chave

Ásia Menor — Anatólia — Arte — Geografia — História

Resumen

Este artículo se refiere a Asia Menor, región que, en términos geográficos y culturales, equivale aproximadamente al territorio que abarca la península de Anatolia. Durante la Antigüedad y la Edad Media, Anatolia fue uno de los puentes culturales más importantes para los pueblos de Europa Centro-Oriental y del Cercano Oriente en general. Al conectar Asia con Europa, se facilitó el tránsito en ambos sentidos



de poblaciones, ideas, utensilios de los más diversos tipos (por ejemplo, la rueda), así como obras de la literatura y del arte. Eclipsados por la proximidad geográfica y cronológica tanto de los mesopotámicos y egipcios, que los precedieron, como de los griegos, que los siguieron, los pueblos de la antigua Anatolia quedaron relegados a un segundo plano de la historia.

Palabras claves

Asia Menor — Anatolia — Arte — Geografía — Historia

Abstract

This article refers to Asia Minor, a region which in geographic and cultural terms is more or less equivalent to the territory covered by the Anatolian Peninsula. During the Antiquity and the Middle Ages, it was one of the most important cultural bridges for the people of Central-Eastern Europe and the Near East in general. Connecting Asia to Europe, it facilitated the two-way transit of populations, ideas, utensils of the most diverse types (e.g., the wheel), as well as works of literature and art. Overshadowed by the geographic and chronological proximity of both the Mesopotamians and Egyptians, who preceded them, and the Greeks, who followed them, the people of ancient Anatolia were relegated to the background of history.

Keywords

Asia Minor — Anatolia — Art — Geography — History

Così a dir mi prese la mia scorta. *:Noi siamo in Asia, là dove si vede ogni pericol
ch'acqua e terra porta.*

Fazio degli Uberti (*Il Dittamondo*)

Uma ponte cultural

Durante a Antiguidade e o Medieval, a Península da Anatólia foi uma ponte cultural das mais importantes para os povos do centro-leste europeu e do Oriente Próximo em geral. Ligando a Ásia à Europa, ela propiciou o trânsito de mão dupla de povos e de ideias; na Anatólia concentra-se a maioria das cidades antigas importantes do Oriente Próximo. Não é inútil que evoquemos a história do nome. Homero utilizou o termo *anatolé* (talvez de origem hitita) como indicativo do nascer do Sol; quase dois mil anos depois, no século X d.C., por iniciativa de Constantino

Porfirogeneta, imperador de Bizâncio na ocasião, “Anatólia” passou a ser sinônimo de “Ásia Menor”: o território asiático a Leste do Mar Egeu, que atualmente designa quase toda a parte asiática da Turquia. Não obstante, o historiador hispânico Paulo Orósio, no século v d.C., parece ter sido o primeiro a usar a expressão “Ásia Menor”; fez isso para diferenciar a província romana asiática do restante da Ásia, incomparavelmente maior.

Faltou à península um centro natural e um rio de grande porte que lhe servisse como via de ligação; tais ausências favoreceram a autonomia política entre seus vales habitados. Diferentemente do que se pôde verificar no Vale do Nilo e na Mesopotâmia, a Anatólia não experimentou uma dinâmica de integração política em grande escala; é, aliás, uma área de intensa atividade sísmica e vulcânica, particularidade que condiz com o aspecto muitas vezes sinistro e mórbido de sua arte antiga. Paradoxalmente, a instabilidade sísmica da Ásia Menor propiciou a riqueza dos povos que a dominaram na Antiguidade, pois as mesmas intempéries destruidoras deixavam como recompensa para os sobreviventes um solo rico em obsidiana, cobre, prata, chumbo e ferro. Daí, o papel relevante desempenhado pelos anatólios como exportadores desses mesmos materiais para todo o Oriente Próximo e o mundo egeu.

Tomando o rumo Oeste, os conhecimentos científicos da Mesopotâmia atravessaram a Ásia Menor, atingindo a Jônia e os Balcãs, fenômeno que se liga diretamente à ascensão cultural da Grécia em meados do primeiro milênio a.C.: o conhecido “milagre grego”.¹ Poucos séculos depois, viajando no sentido inverso, os helenos guiados por Alexandre Magno cruzaram a mesma península, chegando à Mesopotâmia, ao Irã, à Índia e à Ásia Central. Eles difundiram, desse modo, a cultura grega por todo o mundo antigo, *que nunca mais foi o mesmo*.

Interessa-nos falar aqui principalmente de uma época anterior a Alexandre, época em que a Anatólia foi o centro difusor de algumas inovações fundamentais para o Oriente Próximo, tais como o aproveitamento da roda na locomoção de carros de guerra, considerada “a invenção mais

¹ Hititas, minoanos, fenícios, gregos: todos eles, em maior ou menor escala e cada um à sua maneira, são herdeiros culturais dos mesopotâmios e dos egípcios. Cf. Fernand Robert, *La littérature grecque* (Paris: Presses Universitaires de France, 1949), 8 *passim*.

importante do segundo milênio a.C.”² O cavalo adquiriu importância extrema na guerra, no transporte e em diversos outros contextos sociais no Oriente Próximo e, por extensão, em praticamente todas as outras sociedades que o conheceram. Isso ajuda a explicar o estatuto de nobreza que os homens costumam conceder ao cavalo até os dias de hoje. Dada a tendência humana a tratar o útil e o belo como uma só qualidade, é natural que haja um consenso universal quanto à beleza do cavalo – e que, por isso, ele seja um tema frequente em todas as artes.

A mesma argumentação nos leva a compreender a admiração que os beduínos do Oriente Próximo e da África do Norte desenvolveram pelo camelo, chegando a fazer dele um paradigma da beleza e a usar muitas palavras diferentes para designá-lo.

A situação geográfica da Anatólia, tão próxima e facilmente conectada aos continentes vizinhos (a própria África não dista muito, dada a estreiteza do mar Mediterrâneo, sem contar a existência de várias ilhas e portos que sempre serviram de escalas intermediárias aos barcos), podia atuar como vantagem ou desvantagem, dependendo das circunstâncias.

Essa posição “centralizante” e de fácil acesso favorecia o intercâmbio cultural benéfico, mas também deixava a península exposta a invasões vindas de todos os pontos cardeais. Os mesmos povos que vinham da região do Danúbio, do Cáucaso, da Grécia e da Mesopotâmia traziam à Anatólia a sua contribuição artística juntamente com uma diversidade de convulsões sociais, que muitas vezes se traduziam por guerras visando à conquista ou simplesmente à pilhagem.

Nisso encontra-se uma explicação para a instabilidade política que marca os rumos da história da Ásia Menor, sobretudo no período que precede a helenização quase completa da península a partir da ascensão de Alexandre Magno ao trono do Mundo Egeu. Por sua vez, essa inconstância política e social comprometeu o florescimento das artes na península, *daí mesmo decorrendo a posição subalterna do seu patrimônio artístico perante os grandes polos civilizatórios contemporâneos do Egito e da Mesopotâmia*. É uma situação semelhante à do eixo geográfico formado

² C. W. Ceram, *O segredo dos Hititas* (Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1959), 279.

por Israel, Síria e Fenícia e, já a Leste da Mesopotâmia, o Irã.³ Eis por que podemos considerá-las zonas periféricas relativamente à Mesopotâmia e ao Egito.

Subalterno, *ma non troppo*

Cabe insistir que estamos a falar de um papel subalterno *relativo* a essas culturas vizinhas. A superioridade em apreço decorre da rapidez com que a fase neolítica deu lugar à civilização na Mesopotâmia e no Egito. O ocorrido na Mesopotâmia e no Egito foi algo de extraordinário; não seria exagero falarmos em “milagre mesopotâmio” e em “milagre egípcio”. A Ásia Menor, Israel, a Fenícia, a Síria e o Irã seguiram um desenvolvimento cultural muito mais lento, que é o consoante à regra na história da cultura. A exceção está do outro lado, na Suméria e no Vale do Nilo (e também, obviamente, na Grécia).

Dentre todas as estruturas políticas do antigo Oriente Próximo, nenhuma alcançou uma solidez comparável à do Egito. A Mesopotâmia carece de fronteiras naturais, o que condiz com a sua indefinição geográfica. As invasões constantes e as guerras quase ininterruptas que marcam a Mesopotâmia antiga (características que tornam a sua história praticamente inversa à do Egito) não impediram que a cultura e a arte se desenvolvessem de forma contínua, sem as rupturas típicas das zonas periféricas. Henri Frankfort esclarece que, “*em quaisquer outras partes da Ásia —e.g., Anatólia, Síria, Egito e Pérsia—, convulsões similares tiveram um efeito muito mais destrutivo, pois a fábrica cultural era menos resistente*”.⁴ Há, é claro, uma produção artística digna de interesse naquelas partes da imensa Ásia.

³ Referindo-se ao período traumático de 1200 a.C., que tantas modificações drásticas impôs ao mundo antigo, Homero assinalava que o comércio exterior era realizado quase exclusivamente por fenícios; aliás, tanto Homero quanto Heródoto falavam da “Fenícia” como uma região que se estende da fronteira cilício-síria ao Egito. Cf. Elena Cassin et al., *Los imperios del Antiguo Oriente. II: El fin del segundo milenio*, 5.ª ed. (México/Buenos Aires/Madrid: Siglo Veintiuno Editores, 1974), 261262.

⁴ Henri Frankfort, *The art and architecture of the Ancient Orient*, 4.ª ed. (New Haven/Londres: Yale University Press, 1970), 207.

Entretanto, é costumeiro faltar-lhes um vínculo que nos permita detectar devidamente seus ancestrais e herdeiros; boa parte dos monumentos artísticos nessas regiões (muito acertadamente chamadas de “periféricas”) tem a rubrica da carência de habilidade técnica. Apesar de tudo, é através dessas zonas periféricas que a arte da Mesopotâmia chega à Europa, inicialmente no século VI a.C. e, posteriormente, na Idade Média.

Concentremo-nos, mais uma vez, na Ásia Menor. Povoada desde o Paleolítico, a Anatólia deixa dúvidas quando à continuidade do seu processo de povoamento. Os estudos arqueológicos permitem dizer que a península chegou a abrigar uma população considerável naquele período. A única gruta representativa de uma ocupação humana ininterrupta no Paleolítico (Karain, perto de Antália, no litoral sul da Ásia Menor) guarda em seu interior, além de ferramentas feitas com pedra e osso e alguns artefatos portáteis, vestígios fósseis tanto do homem de Neandertal quanto do *homo sapiens sapiens*.

A Ásia Menor ingressa no Neolítico por volta do oitavo milênio a.C., graças à contribuição cultural que lhe é trazida por emigrantes vindos do norte da Síria e que se haviam instalado na parte oriental da Cordilheira do Taurus. Surgem a agricultura e as primeiras aldeias, com casas feitas de tijolos crus e apoiadas sobre bases de pedra. As inovações técnicas do Neolítico chegam ao centro anatólico entre 6500 e 6000 a.C.: é a época estimada para os sítios arqueológicos de Hacilar e Çatal Hüyük, vilas aglutinantes onde as casas se uniam umas às outras de tal forma que as vias de entrada e saída precisavam situar-se na parte superior das habitações.

A cerâmica surge perto da atual cidade de Cônia no fim do sétimo milênio a.C. em Çatal Hüyük, sede de uma cultura florescente entre 6000 e 5500 a.C. Decoradas com relevos e pinturas, as casas continham, também, estatuetas de pedra e de terracota. A música era praticada em conjunção com a dança, a julgar pelo que nos dizem algumas daquelas pinturas sobreviventes. Quase tão antiga quanto Jericó, em Israel, Çatal Hüyük foi um centro urbano avançadíssimo para a sua época; não teve rivais nem no Oriente Próximo e nem no mundo egeu, durante o Neolítico. Quanto ao pioneirismo da técnica agrícola, devemos pensar em Jericó, onde surgiu, por volta de 8000 a.C. Cabe referir, outrossim, a

existência de um assentamento antigo (do sexto milênio a.C.) na Macedônia, que demonstra os laços culturais tanto com Çatal Hüyük quanto com a Ilha de Creta. Trata-se de uma corrente leste-oeste de grande importância para os primeiros assentamentos europeus.⁵

Passado o período calcolítico (5000 a 3000 a.C.), que transcorre sem grandes inovações, a Anatólia resplandece. É a Idade do Bronze, marcada pelo surgimento de grandes civilizações, como é o caso de Tróia, cujos primeiros assentamentos são estabelecidos entre 3000 e 2500 a.C. Durante esse terceiro milênio a.C., parecem ter chegado os primeiros indo-europeus, destinados a assumir o comando das populações autóctones, das quais se destacavam os hurritas. A arquitetura dessa época não ultrapassa o contexto puramente utilitário; surgem as artes plásticas, estimuladas pela metalurgia (cobre, ouro e prata eram fartos), que propicia não só a produção de ornamentos, mas também – e, talvez, principalmente – a de armas e ferramentas. A falta de minérios nas suas terras levou os mesopotâmios a se interessarem pela Anatólia, que é rica em jazidas minerais. Isso rompeu o isolamento milenar dos anatólios das terras altas, que passaram a exportar seus minérios para os povos da planície da Mesopotâmia, cujo estilo ornamental, por seu turno, influenciou diretamente na técnica dos ferreiros e joalheiros da Ásia Menor a partir do período dinástico na Suméria (2850 a 2340 a.C.).

Integrada à órbita cultural da Mesopotâmia, da qual ela até então havia estado à margem, a Anatólia começou a usufruir diretamente do progresso nascido nas terras baixas da Suméria. Juntamente com o comércio, vem a escrita e o estilo zoomórfico do artesanato. Entretanto, a dependência estilística perante os sumérios não é suficiente para explicar toda a produção artística do período. Isso é flagrante, por exemplo, em certos ornamentos encontrados em Troia, que apontam para possíveis permanências neolíticas.

⁵ Pouco sabemos sobre as línguas indígenas da Anatólia, chamadas “anatólias” ou “asiáticas”, faladas na Ásia Menor até os primeiros séculos da era cristã, quando o grego as suplantou. O assunto é muito complexo, e as fontes para o seu conhecimento são de origem grega, indireta por tanto.

Finalmente, um estilo próprio

É apenas durante o Império Hitita que a Ásia Menor passa a ter um estilo artístico autóctone, por assim dizer, muito embora os hititas não sejam originários da própria Anatólia. Primeiro povo indo-europeu a construir uma civilização, os hititas estabeleceram-se no Oriente Próximo entre 2000 e 1800 a.C., na mesma época na qual os mitânios (também eles indo-europeus) invadiram o norte da Mesopotâmia, os cassitas o sul e os hicsos o Egito.⁶ Foi o primeiro conflito de proporções consideráveis entre indo-europeus e semitas ou, se quisermos, “entre Ocidente e Oriente”, nas palavras do hititólogo teuto-americano Albrecht Goetze (1897-1971).

Unificados sob o Rei Labarna (c. 1650 a.C.), os hititas transformam-se rapidamente numa potência militar de primeira grandeza, capaz de influir decisivamente no destino político do Oriente Próximo, conforme a história veio a confirmar. Foram eles que levaram à queda o primeiro Império Babilônio, no século XVI a.C., e que, duzentos anos depois, possibilitaram a ascensão da Assíria, ao derrotarem, com o apoio dos próprios assírios, seus suseranos do reino de Mitani, que tivera seu apogeu entre 1450 e 1350 a.C., em verdade um estado-tampão que beneficiava o Egito, por manter certo equilíbrio de forças na Mesopotâmia, salvaguardando o Vale do Nilo de uma agressão conjunta.

Concentrados em três das principais cidades hititas (Boghazköy [antes Hattusha, a capital do reino], Yazilikaya e Alaca Hüyük), os vestígios arqueológicos até agora conhecidos nos falam de uma arquitetura e uma escultura grandiosas e muito originais, em que os elementos nativos se mesclavam espontaneamente com os estrangeiros, notadamente mesopotâmios.⁷ Os edifícios constituíam-se de blocos de pedra, sendo a parte superior feita com tijolos crus e separados por vigas, e as entradas, providas

⁶ Referidos na Bíblia inicialmente como “os filhos de Het” (ou de Hete), os hititas (ou heteus) habitavam parte do que hoje é Israel no tempo de Abraão (c. 2000 a.C.), que comprou deles uma caverna em Hebron, para sepultar sua esposa Sara. Cf. Gn 23:3 e segs. Sua relação com os israelitas é fortíssima. Basta lembrar que o cananeu Israel, fundador da nação que leva seu nome, único Estado antigo que se tornou suficientemente unido e forte naquela região, era filho de um amorita e de uma hitita. Cf. Ez 16:3.

⁷ Quanto à influência da arquitetura hitita sobre a de Micenas, no Peloponeso. Cf. Franz Baumgart, *DuMont's Kleine Kunstgeschichte* (Colônia: DuMont Buchverlag, 1979), 27.

de pórticos. As cidades eram rodeadas por muralhas duplas, encimadas por torres que se moldavam habilmente às dobras do terreno rochoso e cujas paredes se decoravam com relevos.

A escultura adaptava-se à arquitetura; vê-se isso nas esfinges e nos leões de pedra que guardavam as portas das cidades – uma adaptação cuja fonte é mesopotâmica. Nascido no Egito, o motivo artístico da esfinge parece ter chegado à Ásia Menor através da Síria, onde a exaltação da força sobre-humana do faraó converteu-se num monstro com feições femininas. Acentuando essa diversificação, os penteados das esfinges hititas lembram os que se usavam no Egito durante o Reino Médio.

Em contrapartida, nos relevos hititas, as afinidades maiores são com os mesopotâmicos, particularmente os da Babilônia governada pelos cassitas, de 1600 a 1100 a.C. São também os relevos que nos trazem o pouco que sabemos da música hitita, o que praticamente se limita aos instrumentos que usavam. Destacam-se a lira e a percussão, circunstância comum no Oriente antigo em geral. O mais curioso é a ausência da harpa – ao menos, nos relevos até então conhecidos.

Chegam os povos do mar

Pobre na pintura, a manifestação figurativa dos hititas concentra-se na escultura e no relevo. A temática central é religiosa; o rei, fazendo eco à tradição suméria, assume as funções de governante e sacerdote. Embora riquíssima em conquistas bélicas, a cultura hitita não investe muito na narrativa de suas campanhas militares, no que difere bastante dos egípcios e dos assírios, particularmente. Em que pese a crueldade para com os povos dominados, não se pode negar que a expansão imperial da Assíria trouxe certos benefícios para o mundo antigo. Fala-se, inclusive, de uma *pax assiriaca*, “que foi muito favorável à prosperidade de Amon, Moab e de Edom, que provavelmente se beneficiaram do comércio internacional com o sul da Arábia”⁸

Entre o fim do século XIII e o início do século XII a.C., o Império Hitita sucumbe diante da pressão belicosa dos “povos do mar”, fenômeno

⁸ André Lemaire, *Le monde de la Bible* (Paris: Gallimard, 1998), 45.

que põe fim à Idade do Bronze e inaugura a Idade do Ferro na Ásia Menor. Os hititas conheciam os métodos para obtenção e transformação do ferro pelo menos desde o século XIV a.C. Com a invasão desses povos marítimos (entenda-se: do Mar Mediterrâneo) e o consequente desmembramento do Império Hitita, essas técnicas difundiram-se na Síria e em Israel. Não obstante, algumas peças de ferro já existiam em c. 2500 a.C. Note-se o seguinte:

No curso lento dos séculos, esses movimentos [dos povos do mar] forjariam os povos da Europa clássica, que produziram culturas radicalmente diferentes daquelas do Oriente. Antes disso, o Egito e os hititas haviam perdido a importância, e a direção imperial do antigo Oriente se havia deslocado para o Leste, longe do Mediterrâneo, para os assírios, os babilônios e os persas.⁹

Desfez-se a unidade que ligava as cidades hititas a um poder central. Refugiando-se no sul e no sudeste da Anatólia, os hititas remanescentes sobreviveram em cidades-estados, desvinculadas entre si; foi o período neo-hitita. Na arquitetura, é evidente a importância dos recursos defensivos, como são as muralhas circundantes do complexo urbano. Acentuando uma característica já esboçada na época anterior, a escultura neo-hitita incorpora-se aos edifícios. Estilisticamente falando, o que se tem é um sincretismo no qual o domínio cabe à arte dos assírios, que se mescla com elementos de origem síria, hurrita e, naturalmente, hitita também. Inverte-se o preceito de Horácio: desta vez, é o povo vencedor nas armas que impõe aos vencidos as suas tendências artísticas.

Outro dado importante a assinalar é a escrita hieroglífica. Os neo-hititas abandonaram a escrita cuneiforme, vinda da Mesopotâmia, em prol dos hieróglifos propriamente hititas, conforme pode ser visto, por exemplo, nos relevos de Carquemis.¹⁰

⁹ John Albert Wilson, *La cultura egípcia*, trad. por Florentino M. Torner, 11.ª ed. (México: Fondo de Cultura Económica, 1992), 350.

¹⁰ Stuart Piggott, *A Europa antiga. Do início da agricultura à Antiguidade clássica*, trad. por Maria Reveriana Mantas (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1981), 199. “Quando os hititas começam a escrever, sob Hattusili I (século XVII a.C.), adotaram um tipo de escrita que, muito provavelmente, vinha da Síria; tal foi o modelo que seguiram os hurritas. Os hititas não puderam, pois, basear-se numa escritura já existente na Anatólia, eventualmente herdada dos assírios”. Cf. Elena Cassin et alii, *Los imperios del Antiguo Oriente. II: El fin del segundo milenio*, 155.

A era neo-hitita durou até c. 700 a.C., quando os remanescentes da mais importante civilização da Anatólia pré-helênica desapareceram para sempre devido aos repetidos ataques da Assíria, a maior potência do Crescente Fértil na ocasião. Há certa ironia no fato de que essa potência havia sido estimulada pelos próprios hititas, cerca de sete séculos antes, quando a Hitítia estavam no auge e os assírios eram ainda vassalos do reino de Mitani, que eles (os hititas) imprudentemente destruíram.

É possível que a *invasão dos povos do mar* esteja ligada a uma sequência de outros distúrbios e movimentos étnicos importantes ocorridos nos três últimos séculos do segundo milênio a.C. As causas são ignoradas. O que se sabe é que povos vindos da Eurásia (protoceltas, segundo alguns) invadiram toda a Itália e, posteriormente, a Provença e a Península Ibérica, enquanto as tribos belicosas dos ilírios e dos dácios ocupavam os Balcãs forçando trácios e frígios a se moverem rumo à Anatólia, ao mesmo tempo impulsionando os gregos (dórios, eólios e jônios) a penetrarem na Península Helênica e nas costas asiáticas do Mar Egeu, pondo termo à hegemonia de Micenas.

A guerra de Troia, famosa graças a Homero, parece estar ligada a esses acontecimentos: “O cerco de Troia dificilmente pode ter sido na data grega tradicional de 1183 a.C., mas de preferência, como outros têm argumentado, no contexto geral das incursões dos povos do mar, por volta de 1240 a 1230 a.C.”¹¹

Frígios, lídios, urartianos, hurritas *et alii*

No início do século XII a.C., a queda do Império Hitita, ocorrida pouco antes, gera um vazio político que propicia a emergência de um novo reino indo-europeu na Ásia Menor: os frígios, “herdeiros geopolíticos

¹¹ Possivelmente, a *invasão dos povos do mar* de que falam os textos egípcios não foi um fenômeno único e nem simultâneo. É mais provável que tenha sido uma série de destruições ocorridas ao longo de muitos anos e que, de fato, a guerra de Troia pertença a esse contexto. Cf. Maria Helena da Rocha Pereira, *Estudos de história da cultura clássica: Cultura grega* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987), 60.

dos hititas”,¹² que parecem ter vindo da Europa oriental, mais precisamente, da Trácia e da Macedônia, no ritmo do grande fluxo migratório que marca o mundo egeu daquela época.¹³

Os frígios, tendo a sua capital localizada em Górdio, no centro-oeste da Anatólia, destacaram-se artisticamente pelos túmulos. Um deles, segundo algumas fontes, teria sido o do célebre Rei Midas de que falam as lendas. Eram túmulos com fachadas adornadas de pinturas rupestres, tal como também acontecia nos templos. A iconografia costumava inspirar-se nos modelos gregos, havendo ainda traços orientais (e.g., esfinges e cervos em pose hierática). Na música, havia o *modo frígio*, nascido da flauta e de índole orgiástica, “tão popular entre a plebe e tão perturbadora para os moralistas da Grécia”.¹⁴ Não é inútil lembrar que se atribui a Orfeu – em quem a tradição vê o elo mítico entre a música egípcia e a grega – a façanha de ter levado para a Grécia a música da Frígia.

Tornada um reino poderoso na segunda metade do século VIII a.C., a Frígia começa a declinar no início do século seguinte, por causa da invasão dos cimérios. São possivelmente os mesmos *kymmerioi* de que fala Heródoto: habitando primeiramente o norte do Cáucaso (a atual Crimeia), talvez tenham sido expulsos daí pelos citas (há registros arqueológicos que se opõem à afirmação de Heródoto), o que os teria levado a se estabelecerem na Frígia, na região de Urartu e na Média no século VIII a.C. Quanto aos citas, sabe-se que falavam um idioma indo-europeu e que chegaram a habitar o território que havia pertencido aos urartianos. Coube aos cimérios fundar a civilização do Luristão, e talvez tenham sido eles os autores da Cultura de Catacumbas, identificada pela arqueologia no sul da Rússia, e que é sucedida pela Cultura das Tumbas de Madeira (c. 1000-900 a.C.), atribuída a uma sociedade protocita. Não muito tempo depois do declínio frígio, na primeira metade do século VI a.C.,

¹² Elena Cassin et al., *Los imperios del Antiguo Oriente*, 106.

¹³ Diferentemente do ocorrido no Egito e na Mesopotâmia, onde a cultura adquiriu um caráter mais fechado, a Ásia Menor e o mundo egeu marcaram-se pela chegada frequente de imigrantes.

¹⁴ Will Durant, *História da civilização*, 2.^a parte, *Nossa herança clássica: A vida na Grécia* (São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1943), t. I, 92.

a Lídia, nova potência indo-européia recém-surgida na Anatólia, assume o controle das cidades da Frígia.

São, aliás, civilizações muito parecidas, a frígia e a lídia: ambas adeptas do culto à deusa Cibele e assim por diante. Pode-se falar de um equilíbrio de forças entre a Média/Pérsia, a Babilônia, a Lídia e o Egito, a durar de 585 a 546 a.C., ano em que os lídios foram derrotados pelos persas, que, pouco tempo depois, venceriam os babilônios (539 a.C.) e os egípcios (525 a.C.) também.

Enraizada na Idade do Bronze, a arte dos lídios desenvolveu-se particularmente no período seguinte, em que o uso do ferro se tornou uma necessidade imperativa. Herdeiros das tradições anteriores (na música, a influência inicial dos assírios é nítida), os lídios levaram a arte da Anatólia às cidades da Pérsia e da Grécia. É o historiador norte-americano Will Durant (1885-1981) a dizer que “A Lídia mantinha estreitas relações com a Jônia; sua esplêndida capital, Sardes, era a casa de câmbio em que se operavam as transações de gêneros e de ideias entre a Mesopotâmia e as cidades gregas da costa”.¹⁵ Pode-se generalizar, dizendo que a arte lídia naturalizou-se como grega, da mesma forma que o estilo protodórico-egípcio evoluiu para o dórico-grego. Na música, o estilo lídio foi totalmente assimilado, o que não ocorreu com o frígio, que permaneceu entre os gregos como um estilo bárbaro, consoante à descrição de Aristóteles.

A fase do poderio lídio foi curta. Em c. 546 a.C., os persas conquistaram a Lídia, dando início à montagem do seu enorme império. Rompeu-se o equilíbrio de forças até então vigente e acabou-se a autonomia política e cultural da Anatólia, que por tanto tempo havia perdurado. Dessa época em diante, a influência helênica passou a predominar.

Convém, no entanto, retrocedermos alguns séculos. Enquanto a Frígia florescia, outros povos helênicos (jônios e eólios) se instalavam na Ásia Menor, acentuando o já iniciado processo de ocidentalização da península. Do outro da Anatólia, dividindo fronteiras com o Irã e a Mesopotâmia, surge em c. 1000 a. C. o reino de Urartu, nas proximidades do

¹⁵ *Ibid.*

Lago Van, num território caracterizado posteriormente como o centro da cultura armeniana.

Durante seu período de maior vigor (séculos IX a VII a.C.), o Reino de Urartu chegou a ocupar uma superfície extensa, que se expandia tanto pelas costas do Mar Negro quanto pelo vale do Rio Eufrates. Um de seus reis, Sarduri I (c. 832 a 825 a.C.), reviveu o preceito antigo do acádio Sargão I, vindo a intitular-se “rei da totalidade”. Durante o século VII a.C., época em que Urartu chegou a controlar uma rede comercial que se estendia de Susa a Trebizonda, seus produtos alcançavam o mundo grego e a Etrúria.

Instaladas geralmente no alto de colinas, e feitas com pedras e tijolos crus, as cidades de Urartu eram, também, centros militares, administrativos e não raro religiosos. Também costumavam ser religiosos os temas das pinturas que recobriam as paredes dos seus palácios e dos seus templos. Com um subsolo rico em minérios, Urartu transformou-se num grande produtor de metais, voltados sobretudo para a indústria bélica.

Sem parentesco nem com os semitas e nem com os indo-europeus, os urartianos parecem descender dos hurritas, também eles um povo que traz interrogações quanto à sua origem. Sua arte é representada sobretudo por selos cilíndricos: de origem nitidamente babilônica, muitos dos motivos utilizados retratam seres híbridos, a caça, a luta em carros de guerra e a árvore da vida. A proximidade com a Mesopotâmia explica a influência da arte dessa região sobre a de Urartu. É, também, aquela mesma proximidade que nos permite compreender a queda de Urartu: atacados frequentemente pelos assírios, mercê das suas importantes riquezas minerais, os urartianos foram vencidos no século VII a.C. – pouco antes da destruição da própria Assíria.

Milagres não se explicam

Afetados pela instabilidade social de c. de 1200 a.C., decorrente da invasão dos povos do mar, os dórios (povo helênico que chega ao mundo egeu por volta de 1800 a.C.) migram rumo à Ásia Menor no fim do segundo milênio a.C. É o início da colonização grega na Anatólia, da qual

participam, além dos dórios, os jônios, os mísios, os lídios, os lícios, os eólios, os frígios e os cários.

Entre 1100 e 950 a.C. é a época da cerâmica protogeométrica. No estilo geométrico (950 a 600 a.C.) se vê a preferência por formas arredondas, inscritas em motivos angulares. Segue-se o período arcaico (600 a 480 a.C.), já com traços propriamente gregos, que se aperfeiçoariam na fase clássica (480 a 330 a.C.). É quando a arte e a própria história da Ásia Menor passam a coincidir com as da Grécia. Há, é claro, um verniz cultural de natureza persa, consequência direta da vitória de Ciro sobre o rei Cresos, da Lídia, em 546 a.C. Trata-se de uma influência bem menos intensa do que a helênica, já presente na Anatólia havia séculos.

Por outro lado, ocorre certa fusão artística entre helenos e persas – que chega a ser evidente, por exemplo, no Reino da Lídia, que ficava no sudeste da Anatólia, anexado ao Império Persa pelo Rei Ciro e cuja arte costuma ser considerada como o elo entre o Oriente e o mundo greco-romano.

É a mesma fusão que se intensifica no período helenista, em que tanto as formas quanto os conteúdos presentes na arte terão livre trânsito entre um e outro mundos. Isso justifica a existência de uma estátua de Hércules nas montanhas do Curdistão – próxima aos famosos relevos persas da época imperial, que mostram o Rei Dario recebendo a submissão dos reis das diversas nações então integradas ao Império Persa – e, na Anatólia, mais precisamente no complexo escultórico do Monte Nemrut, a presença conjunta do deus grego Apolo e do deus iraniano Mitra. De qualquer modo, é na fase clássica que a Península da Anatólia entra definitivamente na órbita cultural do mundo mediterrâneo: a princípio, ela é absorvida politicamente pelos gregos; depois, pelos romanos helenizados, para mais uma vez assumir-se como grega sob o Império Bizantino, ou, se quisermos, pelos helenos romanizados da Idade Média.

Ofuscados pela proximidade geográfica e cronológica tanto dos mesopotâmios e egípcios, que os antecederam, quanto dos gregos, que os sucederam, os povos da Anatólia antiga foram relegados ao segundo plano da história. No referente às artes visuais, o polímata catalão José Pijoán (1881-1963) é dos poucos a fazer uma abordagem ampla e ao mesmo

tempo detalhada do assunto.¹⁶ Resta-nos insistir no fato de que as artes e a própria cultura da Ásia Menor pré-helênica tiveram um percurso histórico normal, por assim dizer. Sob mais de um aspecto, é incoerente a tentativa de comparação entre esse percurso e o da Grécia; no caso da Grécia, estamos falando de um milagre, o chamado “milagre grego”; e milagres, por serem aquilo que são, não se explicam.

Conclusão

Conforme se viu nas linhas anteriores, o passado anatólico é incomparavelmente mais rico em perguntas do que em respostas. Em termos de registros escritos, o pouco que sabemos da Anatólia no período anterior à chegada dos primeiros gregos advém de povos vizinhos, notadamente mesopotâmicos e egípcios. Trata-se, portanto, de uma proto-história, uma narrativa indireta e, por isso, mais sujeita a imprecisões que a história propriamente dita – ela mesma uma ciência que está longe de ser exata.

Sempre no respeitante à Península da Anatólia em sua fase pré-helênica, será ilustrativo compará-la, em termos civilizacionais, com o mundo andino em seu período pré-incaico, ou seja, de c. 1500 a. C. até 1438 d. C., ano em que a potência inca se afigura como hegemônica e imperial nas imensidões dos Andes.

Assim como, antes das investigações feitas pelo arqueólogo alemão Max Uhle (1856-1944) —cognominado meritoriamente o “pai da arqueologia peruana” —, esse passado pré-incaico jazia ignorado não apenas sob o manto sedimentar que é próprio da dinâmica geológica, mas também sob o manto academicista que é típico da indiferença, a cultura da Anatólia pré-helênica permanece recoberta até hoje por um sem-número de pontos de interrogação que carecem de resposta satisfatória.

Considerem-se, outrossim, os sítios megalíticos de Göbekli Tepe e Karahan Tepe, no sudeste da Anatólia, ambos velhos de, no mínimo, 12.000 anos. Quem os edificou? Por que motivo foram edificadas?

¹⁶ Cf. Summa Artis. *Historia general del arte*, vol. II, *Arte del Asia Occidental: Sumeria, Babilonia, Asiria, Hititia, Fenicia, Persia, Partia, Sasania, Escitia* (Madrid: Espasa-Calpe, 1970), 188 passim.

Qual o significado de suas figuras esculpidas? Ninguém sabe ao certo. Esperemos que as linhas deste artigo sirvam para despertar a atenção dos pesquisadores atuais, de modo que eles sigam o exemplo de antecessores como José Pijoán, o sábio catalão referido há pouco, e que dentre eles desponte um “pai da arqueologia anatólica”. A Anatólia espera ansiosa pelo seu Max Uhle.